



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,  
ARTES LETRAS e COSTUMES  
DIRECTOR--MARCELLINO MESQUITA  
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Redação e Administração Competição e Imprensa  
Antonio da Fonseca e Sousa T. DA BOA-HORA, 39 Lythig Universal  
LARGO DO CARMO, 17

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 num.) 1\$500 réis	Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (52 numeros) ..... 1\$000 réis
Brazil Anno (52 num.)..... 2\$500 réis	Semestre 26 (numeros)..... 5000 réis.
Cobrança pelo correio..... 8100 réis	

Toda a correspondencia dirigida á Redação e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39



Columbano Bordallo Pinheiro

## Columbano Bordallo Pinheiro

E' Columbano Bordallo Pinheiro dos pintores portuguezes, o que possui mais forte individualidade. Discutido, por vezes combatido, a poderosa envergadura do seu talento, impoz-se nas primorosas manifestações das suas altas qualidades de artista. Toda a galeria dos seus retratos é soberba. A collecção dos seus pequenos quadros, possui obras primas de côr e de desenho.

Artista até á raiz dos cabellos, vivendo exclusivamente, da sua obra e para ella, com uma faculdade poderosa de concepção, em pleno vigor da vida, uma grande sensibilidade artistica a emocional-o. Columbano confirma, dia a dia, a sua alta reputação de mestre.

Honra-se a *Comedia Portugueza* por poder consagrar-lhe estas insignificantes linhas.



(CASOS E COISAS)

«Está chamando muito a attenção do mundo scientifico além da impressão profunda causada entre os christãos, afirma um collega — o *Santo Sudario de Turim*, especie de lençol, propriedade da Casa Real de Saboya, no qual se vê estampada a imagem de Christo. Porque será de Christo e não de Herodes ou de Pilatos? Ignora-se.

Mas se é de Christo, vejamos como explicam o sabio Raul Vignon e o major Colson analysta, a existencia de semelhante imagem.

O principio fundamental da sciencia, explicativo, e o seguinte: *uma exhalação de vapôres, emanando d'um corpo com relêvos, pode produzir, a distancia, sobre uma substancia idonea, uma reprodução, negativa, d'esse corpo.*

Pode produzir? já não é má razão; mas vejamos o resto.

«Ora verificou-se que os vapores amoniacaes; como os devia exhalar um corpo que acabava de soffrer o supplicio da cruz, exercem essa reprodução photo-quimica sobre um panno impregnado de aloes, myrrha e azeite, como o devia ser, segundo os usos do tempo, e os processos de desinfeção então empregados, o lençol, em que foi envolvido o corpo de Christo quando o guardaram, descido da cruz, antes de lhe darem sepultura definitiva. Será esse effectivamente o *Sudario* d'esse acto piedoso, que é rigorosamente historico? O que tambem parece ser scientificamente certo, é que o chamado *Santo Sudario de Turim* constitue realmente uma *imagem negativa*, d'um processo natural de photo-quimica.»

E, aqui está a razão... porque a menina está muda.

De modo que para tudo isto ser verdadeiro basta provar: que o corpo de Christo exhalava amoniaco que o lençol tinha aloes, myrrha e azeite; que o envolveram n'um lençol que era aquelle que de museu em

museu, de antiquario em antiquario, veiu parar á casa de Saboya.

Em se provando isto, percebe-se a razão das luctas do grande Victor Manuel contra o papa. Queria dar cabo d'elle, embrulhal-o n'um lençol e apanhar-lhe o sudario. Para ter dois:—para symetria.

E aqui está como a gente anda a parafulzar nas razões logicas e biologicas de tantos casos da Terra, como revoltas e guerras, a arranjar argumentos e razões e no final a razão é ás vezes... um sudario!

E não só revoltas e guerras, até *Convenios*.

Porque transpondo para entre nós o caso estranho de apparecerem imagens feitas por corpos que cheiram mal, vê-se que o celebre contracto — alfim approvado em suas bases pela camara popular — tem como origem, desperdicios, favoritismos, roubos, todas as misérias politicas de ha trinta annos, uma vergonha, um sudario!

Esse contracto filho pois, d'um sudario, será um sudario elle mesmo, por sua vez. — O Triste Sudario de Portugal.

N'elle hão de reflectir-se e gravar-se, d'elle derivando, n'um futuro não remoto, lagrimas, dôres, transees horribes de humilhações, o suor d'um povo inteiro. Hade chamar tambem a attenção do mundo scientifico e não só dos Christãos, mas dos protestantes e ainda dos que não protestaram.

Será o enorme lençol onde se envolva um povo que ha de suar, e onde se poderá vêr, tambem, a *imagem negativa* das suas grandes qualidades, do seu brio e da sua bravura, d'outras eras.

Porque esse povo se deixa crucificar por sete Pilatos e ha de soffrer d'aquellas agonias que deixam na historia, um rastro doloroso de dô e de desprezo: O amoniacado dos crucificados, segundo Vignon, e o collega Colson, analysta.

Sudario dos direitos que não defendemos; sudario das liberdades que deixamos roubar; sudario das indolencias, do relaxamento, das vilezas moraes, da estupidez, do profundo egoismo em que vivemos; cegos que não queremos vêr; miseraveis fazendo gala da miseria: bandalhos mascarados de gente!

Não o santo, mas o triste, o *Triste Sudario de Portugal*! será esse contracto, esse lençol onde nos embrulham, com o seu aloes purgativo das prestações; a myrrha das falsas vantagens, e o azeite da extrema uncção!

Que vale ao pé d'este, do sudario d'um povo, actual, positivo, claro, e velho, apagado e obscuro sudario de Turim?

Segundo parece, o sr. José d'Azevedo foi á China para fazer reclamações. O *Diario de Noticias* diz-nos quaes sej m e fica-se pasmado de que ainda hoje Portugal possua aquelles impetos de Leão, de outrora, sendo governado por sendeiros.

«Queremos a occupação da ilha da Lapa.

Reoccupação da ilha de S. João.

Occupação da ilha de Taivong-Gam.

Estabelecimento do campo neutro até ás montanhas de Tac-Siac, ou pelo menos o restabelecimento do que existia ante a «Porta do Cerco» e a fortaleza de Passaleão, tomada em 1869 pelos portuguezes e ha poucos annos abusivamente occupada pelos chinezes.

Reserva da nossa esphera de acção e interes-

## A COMEDIA PORTUGUEZA

ses na ilha Bian-chan, á qual Macau está ligado pelo isthmo da «Porta do Cerco».

Affastamento do bloqueio feito abusivamente pela fiscalisação aduaneira chinesa ao nosso porto, e exclusão completa da repressão do contrabando do opio, pelas embarcações ou auctoridades chinesas, quer nas nossas aguas, quer nos nossos territorios.»

Taes são as reclamações, ou ordens que foi impôr á China o sr. Azevedo.

Do resultado das reclamações nada se sabe. Sabe-se apenas que as Potencias esperam com anciedade o final d'esta tragedia, unica, nos annos da humanidade! A China nada cederá; a China é teimosa. Se não cede, Zé d'Azevedo tem de declarar a guerra e era uma vez uma China! E, adeus sapatos soldados de cortiça, adeus! Eram uma vez as caixas de chá, mandarins, botões, rabinchos, balões, palanquins! O rio amarello córar-se-ha com o sangue das batalhas! O rio azul tornar-se-ha pallido de medo, ante as hostes portuguezas e o mosquito devorará o leão, com pagodes e tudo! Isto é que vae ser um pagode!

Não ha por ahi um poeta heroe-comico, á altura de cantar os feitos d'estas farçolas?!



### CAUTERIO

A Gloria do passado ainda projecta  
Por sobre nós um resto de hombridade,  
Que mais nos faz córar da vida abjecta,  
Que nos rebaixa perante a humanidade;

Agora, sem vigor nem sentimentos,  
Degenerado o sangue, os nervos lassos,  
A raça cae em paroxismos lentos,  
N'um circulo fechado de embaraços.

E a resvalar n'um vergonhoso abysmo,  
Quasi soffrendo o jugo de estrangeiros,  
Campeia em toda a linha o Deus-Cynismo,  
Como n'uma horda vil de bandoleiros.

D'antes, justificadas arrogancias,  
Que o nobre orgulho d'elles mais realça:  
Hoje n'um charco atroz de nigromancias  
Esta vil sociedade se rebalsa.

A nação indifferente é um juguete  
Nas mãos da desvergonha sem limite,  
Não a move a palavra ou o cacete:  
Requerem-se quintaes de... coisa em *ite*.



RIBO AMARGO.



### STELLA... REFUGIUM... SALUS...

Não sei como chamar-te, ó formosura  
Que em sonhos vejo e adoro, noite e dia!  
E's talvez Marion... Talvez Maria...  
Um genio mau... talvez uma alma pura.

*Talvez!* Este anciar que me tortura,  
Religião das horas de agonía,  
Lembra uma campa,—no intimo vazia.  
Por fóra—os sete sellos de Escriptura.

Nevoa da tarde, purpura da aurora,  
Sonho que opprime, unção que revigora.  
Vertigem do infinito, aneio eterno,

Apastrophe suspensa, irrespondivel,  
Anjo talvez... talvez um impossivel...  
Mas eu quero-te assim, dólido inferno!

Quero-te assim. Minh'alma ingenua, e nua  
(De crenças, não!) do amor que lhe roubaram.  
Vem, fugida das mãos que a profanaram,  
Dizer-te afflicta: — Sonho meu, sou tua!

Não sei contar-te que designio actúa  
Nos vencidos que Amor nunca encontraram:  
Pythonisas crucis os malfadaram,  
Sob as vistas de Deus, que os perpetua.

Risos? Antes assim. Tudo consola.  
Aos que partilham da medonha herança,  
Um sorriso de dó é farta esmola.

Sorriste... Eu volto á minha soledade.  
Que escura noite sobre mim avança!  
Nunca te eu presentisse, ó Claridade!

NARCISO DE LACERDA.



### IDEIA SATANICA

Um dia Satanaz, vendo que Portugal  
Era um paiz pequeno e que não ia mal,  
Resolveu arranjar um plano de entremez  
Que fizesse acabar este paiz, de vez.  
Convocou toda a côrte: e em moderno estylo  
Deu parte do seu plano; e como conseguiu-o  
Perguntou elle, grave a todo o seu governo?  
Poz-se a raciocinar toda a gente do inferno.  
E diz Erebo, então, do diabo amado filho:  
— «Arranja-se o que queres, inventa-se o Carrilho» —

ESA.

# NO CANNO DA POLITICA



Ze — O' Luciano, se tu podesses dar cabo d'estas bichas?  
Luciano — Isto são ratas muito sabidas... são ratas sabias.



CANCIONEIRO ALEGRE

Um deputado perdeu  
Na sessão, um anel d'ouro  
Com cabeça de cegonha:  
Olha que admiração,  
Ha quem tenha lá perdido  
Cabeça, nome e vergonha!

\* \* \*

Carrilho prova, nas côrtes,  
Que temos dinheiro em barda:  
Óra essa, só dinheiro?  
Dinheiro, saccos e albarda!

\* \* \*

A Santa Martha,  
N'um sumidoiro,  
Appareceu  
Um feto, loiro.

\* \* \*

Um feto assim,  
Tão decidido...  
Lembra em esperteza  
O Deus Cupido.

\* \* \*

Vem a policia:  
Que faz ahí?  
Responde o feto  
Faço pi-pi.

\* \* \*

Não ha creanças!  
Tal corre a fama:  
Não ha creanças  
Mesmo de mama.

\* \* \*

Resposta tal,  
De tanto assento,  
Só no arraial...  
Digo, em São Bento.

N. T.

Saiu da Penitenciaría um sujeito de 75 annos, satisfeita a pena de dois annos de prisão a que fôra condemnado, pelo crime de estupro n'uma creança de oito annos!

O bruto, porém, cegou na prisão. E d'aqui se vê como ás vezes a Providencia ou o acaso, se encarrega de corrigir a réles e comica justiça humana.

Dois annos de prisão! Aquelles bandalhos do jury não tinham filhas!

Ao mesmo tempo, ha poucos dias, a camara ingleza acaba de approvar por 195 votos contra 140 a proposta que restabelece o açoite, para os individuos auctores de attentados graves contra as mulheres e contra as creanças!

Funcionará pois de novo, nas mãos d'um Calcraft quer, o chicote de nove pontas, ou como os inglezes lhe chamam o *cat-of-nine-tails*.

E' barbaro é, dizemos nós, as sensitivas do meiodia; mas é mais positivo e mais energico.

E' que os povos do norte fiam-se menos na Providencia, que se ás vezes cega os malandros presos, no maior numero dos casos fal-os sair ainda com os olhos mais abertos.

Voto pelo gato inglez.

O ZÉ CANTA

O Zé d'antes mostrava mau genio,  
Hoje passa o seu dia a cantar,  
Porque sabe que foi o Convenio  
O melhor que se pôde arranjar.

O Zé paga já anda em frescata,  
Vae ás hortas beber e dançar,  
Porque vê nos augmentos da prata  
O melhor que se pôde arranjar.

O Zé-povo, que o bello chinquillo  
De creança aprendeu a jogar  
Não duvida que fez o Carrilho  
O melhor que se pôde arranjar.

O Zé lorpa, na esp'rança fundado,  
Vae a sua guitarra afinar;  
E ouviremos nos cantos do fado  
O melhor que se pode arranjar

«O sr. dr. Manuel Homem de Mello, deputado da nação, queixou-se no governo civil de que na camara dos deputados, durante o «lunch», deu pela falta de um anel de ouro com brilhantes, de valor importante, não sabendo se o perdeu ou lh'o furtaram. A policia judiciaria vae apurar a verdade do facto.»

Racionemos: Se deu por falta do anel ao lanche, é porque, sabe, viu, que o tinha antes do dito.

Se o perdeu pouco antes de dar pela falta, no restaurante, é natural que o procurasse, junto á meza onde estava, ou junto ao balcão. Não estava pois no chão, onde não seria difficil encontral-o. Para admittir a hypothese da perda é preciso admittir que o anel era muito largo para o dedo e podia dar-se então o caso de desaparecer n'um aperto de mão mais intimo, ou o que é mais natural, de o ter engulido, com a fome, embulhado com algum pastel. Na primeira hypothese assobielhe ás botas; na segunda procure-o amanhã... com dois páusinhos.

## Jardim de Epicuro

Nós não temos nada mais a fazer no mundo senão resignar-mo nos. As creaturas nobres sabem dar á resignação o nome de contentamento: as grandes almas resignam-se com uma santa siegria.

No amargor da duvida, no meio do mal universal, sob o céu vasio, sabem guardar intactas as antigas virtudes dos fieis. Crêem, querem crêr. A caridade pelo genero humano enche-as de fervôr. Conservam piedosamente essa virtude que a theologia christã colloca, em sua sabedoria, acima de todas as outras, porque ella as suppõe ou substitue: a esperanza.

Esperemos, não na humanidade que, não obstante augustos esforços, não poude arrancar o mal do mundo, mas n'esses séres inconcebiveis que um dia sairão do homem, como o homem saiu do bruto. Saudemos esses genios futuros. Esperemos n'essa universal angustia de que o transformismo é a lei material.

Essa angustia fecunda que nós sentimos crescer em nós e que nos faz marchar para um fim inevitavel e divino.

Os velhos são afferrados as suas idéas. E' por isso que os naturaes das ilhas Fidji matam os paes, no começo da velhice. Facilitam assim a evolução: enquanto nós a retardamos criando as Academias.

A tristeza dos poetas é uma tristeza doirada; é bom não os lamentar muito: os que cantam sabem encantar o seu desespero com a inimitavel magia da palavra. Os poetas consolam se como as creanças: com imagens.

A. FRANCE.



## Salamaleks... e coices

Beirão atina a gaita da eloquencia,  
Começa a parolar sereno e quedo,  
E a grande e nunca vista competencia  
Elogia em Teixeira de Azevedo.  
Devia até gabar-lhe a paciencia  
Com que soube aturar tamanho enredo...  
Visto não permittir alli a entrada  
Dos sabres que retalham a lombada!

Arroyo, o grande heroe do estardalhaço,  
Calça luva de sêda, põe gravata,  
Torna-se do Beirão amigalhaço,  
E chega-lhe a fazer bichinha gata;  
Saúda a opposição; e um terno abraço  
Sabe encaixar no meio da cantata...  
Finalmente, de affectos houve troca,  
E não sei se tambem muita beijoca.

O famoso Zé Dias, sacerdote  
Da igreja do Senhor, que a paz ordena,  
Desencabresta, dá muito pinote,  
E assanha se á maneira d'uma hiena:  
As mangas arregaça, ergue o saiote  
E faz n'aquelle palco horrivel scena...  
Tanto do palavrorio alli abuzo,  
Que diz o que a peixeira já não usa!...

E o forte Arroyo não ergueu um grito  
Sonoro, formidavel, resolutivo,  
Dizendo-lhe:—P'ra traz, padre maldito!...  
De joelhos! engula esse corrupto!...  
Não é parlamentar tão feio dito,  
Espanta, offende, cheira a muito bruto!...  
E sabe o que lhe digo, no final?...  
— Que você não tem cor de cardeal!

Depois se discutiram varios pontos  
Em proveito real da patria amada,  
E votaram-se os bellos trinta contos  
Para matar a vil gafanhogada!...  
Como n'aquella casa não ha tontos,  
Alguem creu que a quantia não é nada...  
Porque temos por lá d'esse bichito  
Uma praga maior do que a do Egypto!

Ergue se o Jayme Pinto agigantado  
Um peso que traz n'alma desafoga,  
E diz que, onde faz lei o seu mandado,  
Nem pião, nem o rapa já se joga:  
Outro qualquer illustre deputado  
Não quer que a jogatina dê em droga;  
Mas que pague um tributo (*homem de genio!*)  
Que resalve as despezas do Convenio.

E a coisa vae assim muito bonita  
Para acalmar a furia dos credores  
No paiz dos triumphos do Guerrita,  
E da lei que decreta escarradores:  
Dizem que a rir morreu Maria Rita:  
Pois sejamos tambem imitadores  
D'essa senhora, que morreu ufano  
De ter passado além da Taprobana.

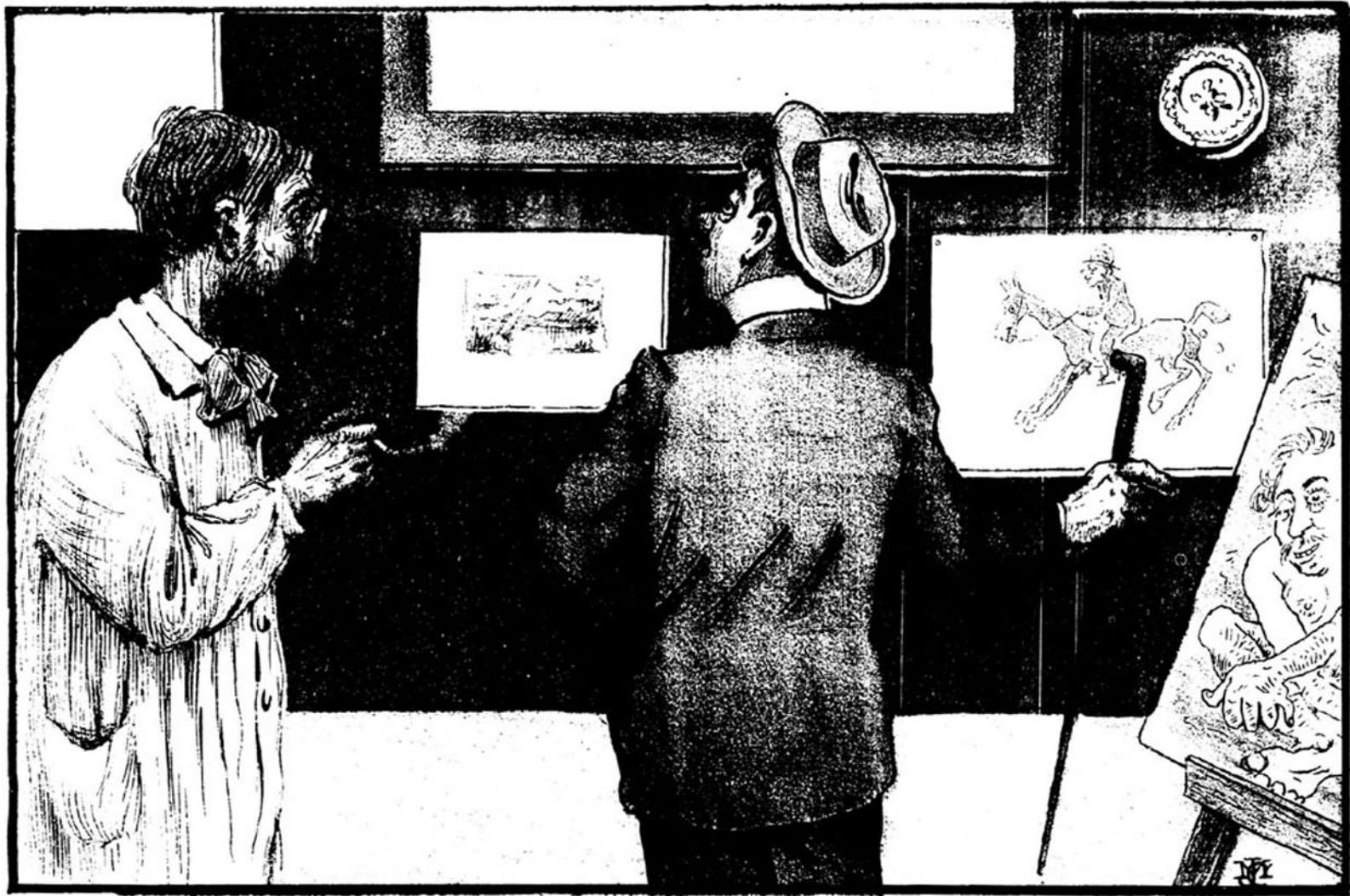
VENANCIO.

## BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos o 1.º fasciculo do *O Filho do Mosqueteiro*, o primeiro romance editado pela nova empreza das *Trez Bibliothecas* de que são proprietarios Urbano de Castro, o primoroso jornalista e Alvaro Chagas, filho do glorioso Pinheiro Chagas de saudosa memoria.

O romance, da escola de Dumas, pae, é interessantissimo.

—O *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, a quem agrademos as phrases amaveis que nos dirige.



— Então não aceitaram no Gremio o teu lindo quadro?  
— Não! Parece que as tintas não eram de boa qualidade.



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,  
ARTES LETTRAS e COSTUMES.  
DIRECTOR—MARCELLINO MESQUITA  
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa      Redacção e Administração T. DA BOA-HORA, 39      Composição e Impressão Lythog. Universal LARGO DO CARMO, 17

**ASSIGNATURAS** (PAGAMENTO ADEANTADO)  
Estrangeiro Anno (52 num.) 14500 réis      Lisboa, provincias e Africa Portugueza Anno (52 numeros) ..... 14000 réis  
Brazil Anno (52 num.)..... 24500 réis      Semestre 26 (numeros)..... 4500 réis  
Cobrança pelo correio..... 4100 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39



D. CAROLINA CABRAL CALHEIROS





## CANCIONEIRO ALEGRE

Passou o mez de Fevereiro,  
— Por signal que foi chuvoso —;  
Passou na Camara baixa,  
O convenio do Mattoso.

Passou um tostão de chumbo  
Que me impingiram n'um troco;  
Uma gallinha que eu tenho  
Está melhor, passou-lhe o chôco.

Passou o frigido inverno,  
Vae passando a primavera:  
Ha a certeza profunda  
Que passa toda. Pudéra!

Na rua passam os carros,  
E no céu passam estrelas;  
Passam os cães pela estrada  
Correndo atraz das cadellas.

Passam a vida sorrindo  
Os ricos cá d'este mundo:  
Passam os figos nas eiras,  
E comboios no Dafundo.

Passam as passas do Algarve,  
E os annos da mocidade;  
E as procissões pelas ruas  
Com toda a solemnidade.

Passou o dia da espiga!  
Até passam estes dias!  
Passa a manteiga, se é muita,  
De lado a lado, as fatias.

Passam por terem talento  
Os mais chapados pedantes:  
Na Coimbra, as balas passam  
Os corpos dos estudantes!

Passa o sarampo ás creanças  
Aos velhos as ictericias:  
Passam, na rua, as sopeiras  
De braço com os policias.

Passam, os ventos, as chuvas,  
Os pares na sala valsando:  
Passam, no mar, os navios,  
Nas raías, o contrabando.

Pois tudo passa no mundo  
Tudo o que tem e que encerra:  
Luzes, que vão pelo espaço;  
Vidas, de rastos, na terra.

Tudo passa, lesto, breve  
Caminho do cemiterio,  
Desde o cedro até á alfaca:  
Só a esse ministerio  
Não ha um vento que o leve  
Não ha um raio que o passe!

N. T.



## Mólinhos d'azedas

Lá no patusco S. Bento,  
Que possui vas.o proscenio,  
Anda tudo comatoso,  
Só inda mexe o convenio.

Pergunta digna de apoio:  
Na questão de cabedal,  
Como pode tanto arroio  
Fazer-se rio caudal?

Tem chiste ver Navegantes,  
Singrando por um Ribeiro,  
A occultas concordantes,  
Mas um só de timoneiro.

A teima de legislar  
Sobre o escarro é de primor,  
Dá idéa salutar  
D'um governo escarrador.

Pergunta-me gente idonea,  
Com medo de que isto acabe:  
Para onde vae a Parvonía?  
Oh meninos, *num xe xabe!*

RISO AMARGO

## Jardim de Epicuro

A parte da philosophia de Augusto Comte que trata das relações das sciencias entre si e da sua subordinação; e ainda aquella onde elle separa da multidão de factos historicos uma constituição positiva da sociologia, são, para sempre, das mais bellas e preciosas riquezas do espirito humano. Pelo contrario, o plano traçado por este grande homem, no fim da vida, para uma nova organização social, caducou: é a parte religiosa da obra.

Augusto Comte concebeu-a sob a influencia d'um amor, mystico e casto por Clotilde de Vaux, morta um anno depois d'elle a conhecer, e que elle venerou até morrer.

A religião de Comte foi inspirada pelo amor, por isso é triste e tyranica. Regula todos os actos, tornando a existencia geometrica, reprimindo a curiosidade do espirito, só permitindo os conhecimentos uteis, subordinando a intelligencia ao sentimento.....

Banir o capricho e a curiosidade, como seria cruel! O que lamento não é que os positivistas queiram prohibir a busca sobre a essencia, a origem e o fim das coisas. De ha muito me resignei a não conhecer nunca a causa das causas e o fim dos fins. Ha muito que leio os tratados metaphysicos, romances menos verdadeiros, mas mais divertidos do que os outros. O que torna o positivismo amargo e desolador é não permitir as sciencias inuteis que são as mais amáveis. Sem ellas a vida será viver? Comte que professou vinte annos a astronomia, quer limitar o seu estudo aos planetas visiveis: ora a Terra não seria habitavel para muitos espiritos se a vida fosse regulada, hora a hora, e não se pudesse pensar em coisas inuteis como, nas estrellas duplas, por exemplo.

A. FRANCE.



## ESPIGAS

Zé, das hortas e cantigas,  
Dá á vida mau amanho;  
Mas não se farta de espigas,  
Sem lhe importar o tamanho.

Como o Zé é de bom genio  
E de idéas joviaes,  
Teve a espiga do Convenio,  
Achou pouco e pediu mais.

Quando o tributo o castiga  
E o deixa mesmo a apitar,  
Acha que é pequena espiga  
E uma outra vae apanhar.

Se o senhorio co'a renda  
Lhe esvazia o pé de meia,  
Soffre a espiga, caloteia,  
E espiga o homem da tenda.

Se este Zé, sempre em regalo,  
Não existisse — conheço  
Que era preciso invental-o,  
Linda que fosse de gesso.

BERNARDO.



Denuncia, com vista á Assistencia Nacional:

Os mantenedôres da lei do cuspo, estão sendo de uma incoherencia, d'um facciosismo pasmoso.

Não nos parece que essa medida seja só para combater a tuberculose pulmonar, mas sim todas as tuberculosas.

Pois bem. Um individuo escarra na moral; é um estabelecimento, como uma egreja ou uma caserna: logo esse individuo deve ser multado.

E n'este caso está o sr. Alfredo Gallis, que periodicamente lança aos quatro ventos o bacillus da sua Tuberculose Social.

Multa com elle!



## Moeda propria

Cessem do mestre Ernesto e do Carrilho  
As taes negociações que se fizeram;  
Cale se dos jornaes esse chorrilho  
De artigos que de nada nos valeram;  
Que eu vou contar-lhes com intenso brilho  
Varios factos que aqui, se succederam,  
Ouçam todos co'a maxima attenção  
Que eu canto o commissario, o heroe Ferrão.

Em Coimbra, a mocidade estudiosa,  
Achando dever seu ir reclamar  
(Missão louvavel e, por certo, honrosa  
Que todos deveriam imitar.)  
Contra a negociata escandalosa  
Que este governo quer effectuar,  
Resolveu protestar com galhardia  
E assim o fez n'aquella noite e dia.

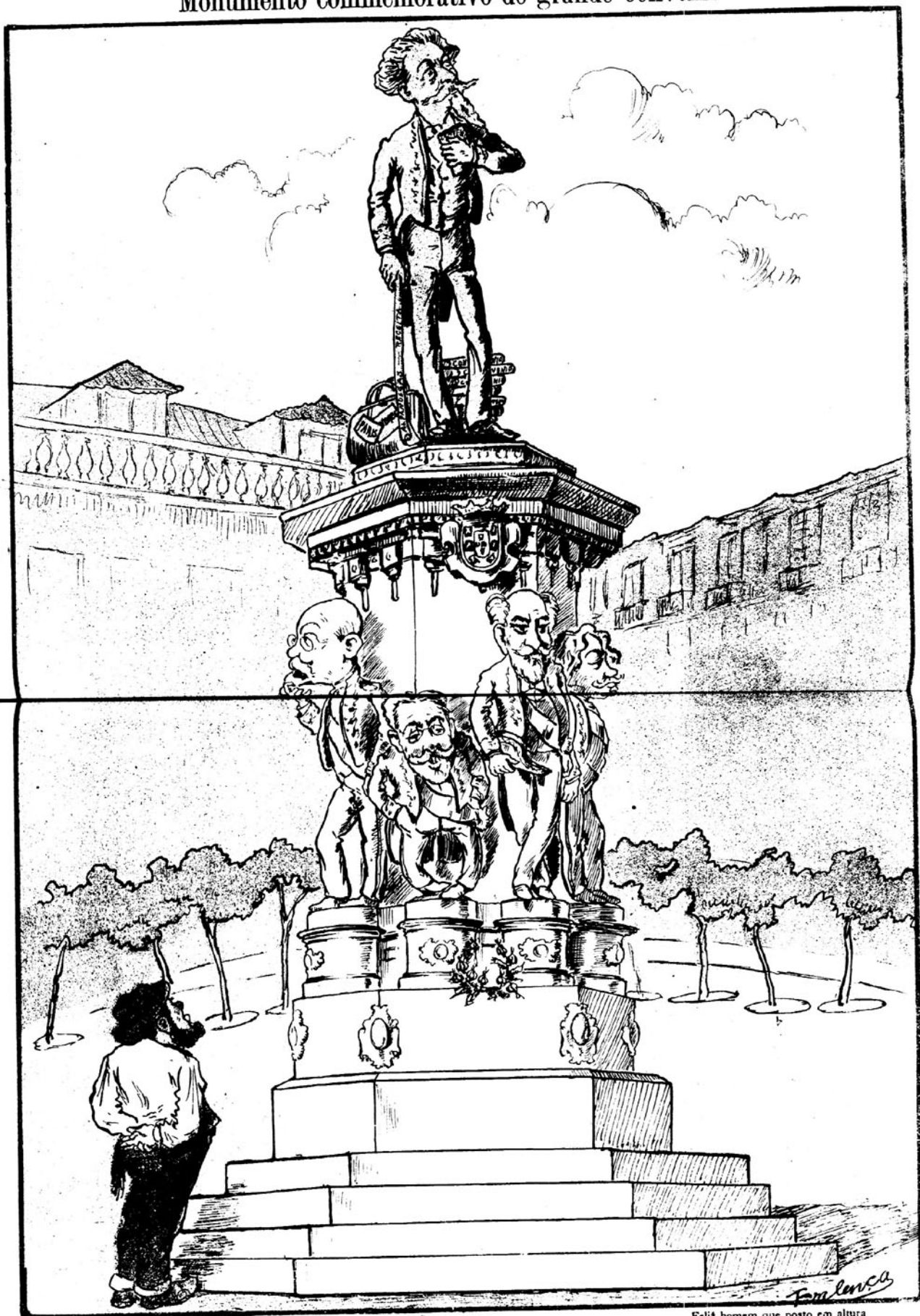
Estavas, meu Ferrão, todo contente  
Julgando ir dominar a Academia  
Com aquelle teu ar ultra insolente  
Que, felizmente, ha de acabar um dia,  
E quizeste, Ferrão, pimponamente  
Accordar o leão quando dormia  
E aos teus sectarios vis foste dizendo  
Aquelles que deviam ir prendendo.

Mas, como sejam muitos os policias,  
Por certo, os estudantes não se atrevem,  
Apesar do que dizem as noticias,  
A lutar frente a frente como devem;  
E, fugindo a arreganhos das milicias  
Em scenas que os pacato não descrevem,  
Correram-te á pedrada (a shistoria acabo)  
Pensando que eras cão de lata ao rabo.

Coimbra.

ENA.

# Monumento commemorativo do grande Convenio



Feliz povo o que vive na Terra  
Possuindo tanto homem de genio:  
E que canta na paz ou na guerra  
Ai Convenio! ai Convenio! ai Convenio!

(JOÃO DE LEMOS)

Feliz homem que posto em altura  
Bem maior que o Gerez ou o Suajo,  
Ha de ouvir este povo a saudal-o:  
Ai que gajo! ai que gajo! ai que gajo!

(JOÃO DO GRÃO)



CANCIONEIRO ALEGRE

Passou o mez de Fevereiro,  
— Por signal que foi chuvoso —;  
Passou na Camara baixa,  
O convenio do Mattoso.

Passou um tostão de chumbo  
Que me impingiram n'um troco;  
Uma gallinha que eu tenho  
Está melhor, passou-lhe o chôco.

Passou o frigido inverno,  
Vae passando a primavera:  
Ha a certeza profunda  
Que passa toda. Pudéra!

Na rua passam os carros,  
E no céu passam estrellas;  
Passam os cães pela estrada  
Correndo atraz das cadellas.

Passam a vida sorrindo  
Os ricos cá d'este mundo:  
Passam os figos nas eiras,  
E comboios no Dáfundo.

Passam as passas do Algarve,  
E os annos da mocidade;  
E as procissões pelas ruas  
Com toda a solemnidade.

Passou o dia da espiga!  
Até passam estes dias!  
Passa a manteiga, se é muita,  
De lado a lado, as fatias.

Passam por terem talento  
Os mais chapados pedantes:  
Em Coimbra, as balas passam  
Os corpos dos estudantes!

Passa o sarampo ás creanças  
Aos velhos as ictericias:  
Passam, na rua, as sopeiras  
De braço com os policias.

Passam, os ventos, as chuvas,  
Os pares na sala valsando:  
Passam, no mar, os navios,  
Nas raias, o contrabando.

Pois tudo passa no mundo  
Tudo o que tem e que encerra:  
Luzes, que vão pelo espaço;  
Vidas, de rastos, na terra.

Tudo passa, lesto, breve  
Caminho do cemiterio,  
Desde o cedro até á alfâce:  
Só a esse ministerio  
Não ha um vento que o leve  
Não ha um raio que o passe!

N. T.



Mólhinhos d'azedas

Lá no patusco S. Bento,  
Que possui vas.o proscenio,  
Anda tudo comatoso,  
Só inda mexe o convenio.

Pergunta digna de apoio:  
Na questão de cabedal,  
Como pode tanto arrioio  
Fazer-se rio caudal?

Tem chiste ver Navegantes,  
Singrando por um Ribeiro,  
A occultas concordantes,  
Mas um só de timoneiro.

A teima de legislar  
Sobre o escarro é de primor,  
Dá idéa salutar  
D'um governo escarrador.

Pergunta-me gente idonea,  
Com medo de que isto acabe:  
Para onde vae a Parvonía?  
Oh meninos, *nim se xabe!*

RISO AMARGO

vertir, dos discursos dos nossos oradores? E' justamente por terem todos... a calva á mostra!

Em verdade vos digo que é este um dos defeitos para que não ha chinó que engane as opiniões honestas.

\*  
\*  
\*

Não ha: digam-me d'essa série de oradores que para ali ha, qual d'elles convence, qual domina, qual tem o amor e a veneração popular, qual a estima d'algum?

Berradores, óccos, banaes, mentirosos, hypocritas; declamadores de profissão e por interesse, ouvem-se por distracção e applaudem-se por divertimento.

Divertem: tem a palavra facil e... uma irreflexão lamentavel, fal-os parecer baratos!

E' pensar nas ultimas pugnas do Convenio.

Todos fallaram e ninguém os ouviu, com ouvidos de ouvir. E' a cantata 22, a cantata do hymineu, ao rei Bobeche, na opereta.

Um desprezo profundo a inquirar-se de nójo.

*Jam foetet.*



### UM DOS TEZOS

Levanta-se, facundo, o D. Baracho  
Como quem ao paiol atira a mecha,  
E contra o tal convenio, atroz, desfecha  
Um golpe com que acciama o seu penacho.

— Que aquillo foi uma obra do diacho  
A qual nos vem fazer a ultima brecha,  
Porque o Zé, com razão, hoje se queixa  
De que estão a rapar o fundo ao tacho!...

Que é brioso este povo pequerrucho,  
Que não pode aguentar com tanto nicho,  
Que não pôde fartar a tanto bucho!...

Que chega a ser teimoso o tal capricho;  
Que procura, de certo, artes de bruxo  
Quem quer tirar metal d'onde ha só lixo!!!



### BONIFACIO.

Continuam os varios Candidos de Figueiredo do paiz,  
a caturrar sobre questôz orthographicas.

Sugeitamos aos seus auctorisados sete pares de ma-  
xillas, o seguinte melindroso osso:

Um nosso amigo, tão pródigo em consoantes, como  
em coração e outras mudezas, declarou-se a uma pul-  
chérriima dama com esta heterodoxa concisão:

— «Hadorothe.»

E vac ella, respondeu-lhe:

«Heu thambem theodoro»

Onde está o gato?

## A ESTATUA DO SALVADOR

Apeia-se o cantor das nossas glorias  
Do nobre pedestal em que é erguido,  
E em seu logar vão pôr (não conto historias)  
Um Carrilho de bronze bem fundido:  
Finja a estatua cantar altas victorias  
Que na obra do Convenio ha conseguido...  
Assim como quem diz, erguendo a pinha,  
Zoilos, tremei, posteridade, és minha!

\*  
\*  
\*

Em volta do pomposo monumento  
Ergua-se o nobre vulto d'um Ressano,  
De cabeça pensante exposta ao vento,  
E em ar de quem approva um sabio plano:  
Dos discursos, cantados em S. Bento,  
As honras triumphaes recorde ufano...  
A' laia de quem diz á patria cara  
Que, se mais labia houvesse, lá chegára.

\*  
\*  
\*

Destaque-se a figura d'um Zê Dias,  
Que inda por cá não encontrou pareilha,  
Pois n'isto de fazer economias  
Ninguém lhe faz o ninho atraz da orelha;  
É letrado, conquista sympathias  
E dá-lhe muita graça o olhar de esguelha...  
E Deus, que lá do céu nos abre as portas,  
Direito escrever sabe em linhas tortas.

\*  
\*  
\*

Sobresáia o cinzel, dando a um Mattoso  
Mui correctas as formas do semblante,  
Rindo a valer, babando-se de goso,  
Por saber que o Convenio foi avante:  
Mostre na posição todo o repouso  
De quem sáe da batalha triumphante...  
E diga: — Triumpharam nossos planos  
De assyrios, persas, gregos e troyanos!

\*  
\*  
\*

Pedra se arranque da melhor pedreira  
Para alli a primor ser modelado  
O vulto do Senhor, tal de Espergueira,  
A quem ja se alcunhou de Eparregado:  
Aquillo gasta a vida toda inteira  
Pra trazer a ventura ao ninho amado...  
E não sabe qual é mais excellente,  
Se ser do mundo rei, se d'esta gente.

\*  
\*  
\*

Depois do monumento assim composto  
Admiral o irá o Zê basbaque,  
E, mostrando alegria no seu rosto,  
Queimará um foguete e um trique traque:  
— «Os typos são patuscos de bom gosto,  
E soberam curar o velho achaque  
D'esta nação, onde, entre portuguezes,  
Alguns traidores houve algumas vezes.»

## D. Carolina Cabral Calheiros

D. Carolina Calheiros, filha do general José Maria Cabral Calheiros, já fallecido, concorre á exposição da Sociedade Nacional das Bellas Artes, com trabalhos de verdadeiro merito artistico, que justamente tem sido elogiados. Destacam-se: uma imitação de esmalte antigo e ornatos, em couro, em alto relevo. Os seus esmaltes lembram os de Limoges, que se observam no museu do Louvre, obra de Leonardo, sob desenhos de Raphael e de Leonardo de Vinci.

O trabalho sobre couro é precioso e tenderá a desenvolver-se, com justo motivo, quando se alcance execução tão perfeita como a de D. Carolina Calheiros. E' ainda esta senhora, uma excellente pintora, mas os seus quadros não figuram na exposição como seria para de-sejar. São estes bastantes motivos para que nos honre a publicação do seu retrato.



(CASOS E COISAS)

O que caracteriza para mim, que o não ouvi, mas que o tenho lido, a eloquencia forense de José Estevam, é o estremo caracter pessoal em que se baseia. A profunda impressão que a sua palavra produzia, pode attribuir-se em grande parte á maneira de dizer, á altivez do gesto, á soberania physica do orador, tenho para mim que sobretudo derivava das qualidades pessoais do orador — a honradez e a valentia.

Não conheço mais superiores dotes para exalçar um caracter, nem sei de mais levantadas qualidades que imponham o respeito e arrastem á convicção.

José Estevam era verdadeiramente um orador parlamentar. Simples ou energico, claro sempre, de palavra facil, corrente, cheio de idéas, tendo um fim, uma norma, uma crença profunda na certeza do seu valor e o justo orgulho dos fortes que se conhecem de consciencia limpa. Era um altivo. Revela-se nos seus discursos que formára pelo estudo o alicerce das suas convicções; que cada palavra, cada periodo pertencia ao professor abalizado ou ao revolucionario intemerato. Não é a alma d'um homem que falla armando á popularidade, ao applauso banal, á conquista d'um logar, d'uma ambição, d'uma renda, é a alma da patria que clama aos ouvidos dos homens de cujos cerebros hão de emanar as leis dos seus destinos.

Quando elle fallava, fallava a dedicação, a coragem, a honra. O homem conseguia eclipsar-se atraz dos attributos grandiosos e o verbo inspirado no amor sagrado da patria, rasgava fundo nas couraças do prejuizo, do egoismo ou da venalidade.

Como elle disse de Garibaldi, assim elle era. De Garibaldi nota o esquecimento de si proprio, a consubs-

tanciação com a Italia, o esquecimento do seu ser, o desconhecimento do proprio valor, a confundir-se com a patria, a perder-se n'ella, de modo a confundir as duas vidas e exclama: — só assim se é grande!

Fazia o seu proprio panegyrico o grande orador, o grande patriota. Elle fazia com a palavra o que Garibaldi operava com a espada: a conquista da unificação portugueza pela comunidade da idéa. Quantas batalhas venceu! Quantas glorias!

Os discursos de Garrett são superiores pela forma, pela elegancia, aos de José Estevam. Porque ficou na tradição inferior ao vulto d'este ultimo o auctor da D. Branca? Elle combatera pela liberdade, emigrára tambem.

Fallava magnificamente, tinha uma boa figura, talento á farta, erudição e ingenho. Porque então a fama do orador, esmorece ante a de José Estevam?

Faltava-lhe a tempera dos fortes, dos intransigentes, dos velhos portuguezes d'antes quebrar que torcer.

Amaneirara-se nas salas, no convivio feminino perdera aquella altivez de caracter, tão perto da rudeza, que marca os grandes caracteres e que os impõe ao respeito dos contemporaneos e á veneração dos vindouros.

Quando o padre Bridaine, notavel missionario, prégou a primeira vez deante da côrte, não posso precisar de que rei de França, escarpelou-lhe os vicios e vergastou-lhe os actos de modo que fez o pasmio geral a audacia do prégador. Um Bossuett um Fenelon teria perdido a mitra; Bridaine elevou-se perante o rei, impoz-se, ordenou do alto da sua pequenez, da sua virtude, da sua vida limpa, da sua modestia gloriosa de prégador humilde, que só tinha — como elle começou por dizer — até alli, prégado em templos cobertos decólmo.

Foi simples e vigoroso, claro e audaz como são os valentes de espirito, os crentes, os limpos.

Tal me parece o segredo da força da eloquencia de José Estevam.

Leio-o e encontro sempre a nota pessoal: *Eu fiz, nós fizemos, eu quero, nós queremos.*

«Guardae para vós as honras, os logares, as mercês, mas segui a minha opinião, porque creio ser a razão, o direito, a justiça.»

«Esta é a minha convicção, cimentei-a no convivio dos melhores pensadores e dei por ella o meu sangue!»

«Fallo com a altivez e a independencia da minha honestidade: concedo-vos a exame da minha vida privada, podeis consultar a minha bolsa!»

Isto sim que são razões! Esta linguagem entra no coração, convence, arrasta, impõe-se, domina!

Sem artificios, o grande orador, sem molas occultas. Argumento responde a argumento, razão a razão, sem rodeios, sem palavriado, sem flores. Flores sedicças é claro; que de resto a phrase é por vezes elegante, mas sem pretenções, sem preoccupações de ferir pela sonoridade; occultando o vasio do conceito. Energica sim; incisiva, cortante, precisa.

Vinha-lhe da alma, não lhe nascia nos labios: tinham de o ouvir, arrastados pela nozeza dos sentimentos, pela elevação da idéa, pela grandeza dos conceitos e tinham de o applaudir por aquella força invencivel de que dispõem os convictos, que se estriba no fogo da linguagem, na altivez do verbo, na arrogancia do gesto.

Viam-se-lhe as qualidades politicas, atravez das qualidades moraes.

Não tinha cabelo, não o occultava e nem por isso foi menos nobre e altiva a sua cabeça veneranda.

Mas, coisa curiosa, passam annos e sabem vossas excellencias porque ninguem faz caso, senão para se di-

vertir, dos discursos dos nossos oradores? E' justamente por terem todos... a calva á mostra!

Em verdade vos digo que é este um dos defeitos para que não ha chinô que engane as opiniões honestas.

• • •  
 Não ha: digam-me d'essa série de oradores que para ahi ha, qual d'elles convence, qual domina, qual tem o amor e a veneração popular, qual a estima d'alguem?

Berradores, ôccos, banaes, mentirosos, hypocritas; declamadores de profissão e por interesse, ouvem-se por distracção e applaudem-se por divertimento.

Divertem: tem a palavra facil e... uma irreflexão lamentavel, fal-os parecer baratos!

E' pensar nas ultimas pugnas do Convenio.

Todos fallaram e ninguem os ouviu, com ouvidos de ouvir. E' a cantata 22, a cantata do hymineu, ao rei Bobeche, na opereta.

Um desprezo profundo a inquirar-se de nôjo.

*Jam foetet.*



### UM DOS TEZOS

Levanta-se, facundo, o D. Baracho  
 Como quem ao paiol atira a mecha,  
 E contra o tal convenio, atroz, desfecha  
 Um golpe com que acciama o seu penacho.

— Que aquillo foi uma obra do diacho  
 A qual nos vem fazer a ultima brecha,  
 Porque o Zé, com razão, hoje se queixa  
 De que estão a rapar o fundo ao tacho!...

Que é brioso este povo pequerrucho,  
 Que não pode aguentar com tanto nicho,  
 Que não pôde fartar a tanto bucho!...

Que chega a ser teimoso o tal capricho;  
 Que procura, de certo, artes de bruxo  
 Quem quer tirar metal d'onde ha só lixo!!!

BONIFACIO.



Continuam os varios Candidos de Figueiredo do paiz, a caturrar sobre questões orthographicas.

Sugeitamos aos seus auctorizados sete pares de maxillas, o seguinte melindroso osso:

Um nosso amigo, tão pródigo em consoantes, como em coração e outras miudezas, declarou-se a uma pulchérissima dama com esta heterodoxa concisão:

— «Hadorothe.»

E vac ella, respondeu-lhe:

«Heu thambem theadoro»

Onde está o gato?

## A ESTATUA DO SALVADOR

Apeia-se o cantor das nossas glorias  
 Do nobre pedestal em que é erguido,  
 E em seu logar vão pôr (não conto historias)  
 Um Carrilho de bronze bem fundido:  
 Finja a estatua cantar altas victorias  
 Que na obra do Convenio ha conseguido...  
 Assim como quem diz, erguendo a pinha,  
 Zoilos, tremei, posteridade, és minha!

• • •  
 Em volta do pomposo monumento  
 Ergua-se o nobre vulto d'um Ressano,  
 De cabeça pensante exposta ao vento,  
 E em ar de quem approva um sabio plano:  
 Dos discursos, cantados em S. Bento,  
 As honras triumphaes recorde ufano...  
 A' laia de quem diz á patria cara  
 Que, se mais labia houvesse, lá chegára.

• • •  
 Destaque-se a figura d'um Zê Dias,  
 Que inda por cá não encontrou parelha,  
 Pois n'isto de fazer economias  
 Ninguem lhe faz o ninho atraz da orelha;  
 É letrado, conquista sympathias  
 E dá-lhe muita graça o olhar de esquelha...  
 E Deus, que lá do céu nos abre as portas,  
 Direito escrever sabe em linhas tortas.

• • •  
 Sobresáia o cinzel, dando a um Mattoso  
 Mui correctas as fórmãs do semblante,  
 Rindo a valer, babando-se de goso,  
 Por saber que o Convenio foi avante:  
 Mostre na posição todo o repouso  
 De quem sae da batalha triumphante...  
 E diga: — Triumpharam nossos planos  
 De assyrios, persas, gregos e troyanos!

• • •  
 Pedra se arranque da melhor pedra  
 Para alli a primor ser modelado  
 O vulto do Senhor, tal de Espergueira,  
 A quem ja se alcunhou de Esparregado:  
 Aquillo gasta a vida toda inteira  
 P'ra trazer a ventura ao ninho amado...  
 E não sabe qual é mais excellente,  
 Se ser do mundo rei, se d'esta gente.

• • •  
 Depois do monumento assim composto  
 Admiral-o irá o Zé basbaque,  
 E, mostrando alegria no seu rosto,  
 Queimará um foguete e um trique traque:  
 — «Os typos são patuscos de bom gosto,  
 E souberam curar o velho achaque  
 D'esta nação, onde, entre portuguezes,  
 Alguns traidores houve algumas vezes».

# NO JARDIM DA EUROPA



E chamam a isto jardim da Europa!... e não dá senão espigas!





REVISTA SEMANAL DE Critica, Política,  
ARTES LETTRAS e COSTUMES.  
DIRECTOR—MARCELLINO MESQUITA  
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa      Redacção e Administração T. DA BOA-HORA, 39      Composição e Impressão Lythog. Universal LARGO DO CARALHO, 17

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 num.)	1\$500 réis	Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (52 numeros)	1\$200 réis
Brazil Anno (52 num.)	2\$500 réis	Semestre 26 (numeros)	600 réis
Cobrança pelo correio	1\$100 réis		

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para Travessa da Boa-Hora, 39



Dr. AUGUSTO SEVERO

## AUGUSTO SEVERO

O facto sensacional da semana, que pertenceria á *Comedia Portuguesa* pela irmandade entre brasileiros e portuguezes, se não pertencesse ao mundo, é o da morte desastrosa de Augusto Severo, o distincto aeronauta natural da Parahyba do Norte, na grande nação brasileira.

Parece indiscutivel, que até hoje tem sido o Brazil que tem fornecido os mais arrojados exploradores do ar. E, coisa curiosa, o inicio das tentivas para avassallar o espaço, começaram por um portuguez, nascido no Brazil, o que pelo dizer, que é ainda um homem de naturalidade brasileira que deu começo á primeira tentativa da aerostação. Todos conhecem o nome do padre Gusmão, o da *Passarola*, que subiu no Terreiro do Paço, em Lisboa, e que o povo fanatico, crendo obra de bruxedo, fez depois em estilhaços.

Foi pois em Paris que o illustre brasileiro, desde hoje celebre, Augusto Severo, subindo no seu balão *Pax* foi precipitado de quinhentos metros de alto sobre a cidade.

O balão incendiou-se, morreu tambem! Se assim não fora devia mudar-se-lhe o nome brando e amavel, de *Pax* pelo cruel e terrivel de *Mors*.

Se bem que á nossa imaginação occorra a absoluta igualdade de ambos elles, tão certo é que a perfeita Paz só reside na Morte!

Ha prophecias lugubres nos nomes, sobretudo quando ellas synthetizam sonhos firmados no azul. Que bom seria sempre o sonho, se não fosse o despertar.

Que a sua memoria fique, entre nós para sempre, com a aureola saudosa dos heroes, dos martyres e dos valentes.

*Gloria victis.*



(CASOS E COISAS)

Quando se sabe que n'um paiz, levado aos extremos de convenções vergonhosas, de verdadeiras exhortações politicas e economicas, paiz arrastado na lama pelas capitaes estrangeiras, se celebram os contractos humilhantes, factores certissimos de longas desgraças futuras, com banquetes ostentosos e ostensivos, é licito perguntar se o director d'este manicomio chamado Portugal é ou não o sr. dr. Miguel Bombarda.

E' licito e é justo.

Ninguem no mundo, por mais talentoso, por mais habil, por mais genial, poderá convencer um homem de regular senso, de que o convenio portuguez,—approved nas duas camaras—tenha todas as bondades que quizerem, não é o mais vergonhoso, o mais humilhante, o mais

desgraçado facto da vida politica de ha cincoenta annos.

Elle revela a miseria das nossas successivas administrações, a ousadia dos nossos governantes, o seu profundo desprezo pelo paiz, e ainda—ai de nós—a miseria moral do povo que o consentiu.

Arrojo, arrogancia, desprezo dos que governam; relaxação, pobreza moral, ignorancia dos governados.

Isto é que ninguem poderá contestar, venha ainda esse convenio a encher-nos de oiro, de riquezas, de maravilhosas receitas, de prodigiosos thesouros, de quantas felicidades ha na terra e nos mares.

E' uma acção tórpe; é uma solução miserrima, é uma vergonha na mais lata, na mais ampla, na mais gravissima accepção d'esta palavra.

Todos os beneficios — que não trará nunca, nem pode trazer — mas que trouxesse, eram ainda vergonhosos: semelhantes aos lucros das cortezãs que vendem o corpo, a vida, e quantas vezes a alma.

E, vão festejal-o, na pessoa do sr. Arroyo, n'um grande hotel, no centro da cidade, para bater bem na cara dos contrarios, toda a grandeza da sua gloria, todo o desplante das suas ousadias.

Concordou o paiz? não.

Concordou a camara alta? não.

Pois todo o mundo não sabe estes factos? Por que vir então esbofetear a opinião, com jantares, onde nos brindes se tecem apotheoses, se distribuem corôas de loiro, e se cantam alleluias de victoria?

Na humildade da nossa razão, chegámos a não perceber tanto descaramento: e parece-nos, ás vezes, que estes homens são bem mais estupidos do que máus!

Sim, amigos, esses nossos grandes homens, que operam, fallam, governam, mandam, a trinta annos atraz de todos os povos, que não respeitam nem sciencia, nem trabalho, nem consciencia alheia, tem uma audacia que ou os integra na série dos homens de genio, superiores a tudo e a todos; ou os nivella com os mais atrevidos charlatães; ou amesquinha na igualdade das mais descompassadas bestas.

Vou pela ultima hypothese.

Lá estão a alcinhar-me de paradoxal e de exagerado. Não é assim. Sêr formado em direito, sair deputado por um circulo, expectorar phrases, discursos, com mais ou menos luxo, com mais ou menos rethorica, com mais ou menos arrojo, dar sôccos em carteiras, e outras prendas, não eleva ninguem, nem dá cotação, nem auctoridade, nem talento, nem honestidade a pessoa alguma.

Póde ter-se valor e póde não se ter. Pode ser-se uma cavalgada chapada com todos estes attributos: um burro não deixa nunca de ser burro, porque lhe ornem a cabeçada e lhe enfeitam a albarda.

A um prestigioso chefe, ouvi, não ha tres mezes, dizer mais asneiras e imbecilidades, n'um quarto de hora, do que em toda a minha vida de estudante, eu tinha ouvido por essas escolas.

Pasmei! O meu cazeiro nunca desceu no meu conceito, como homem bem fallante, que elle se preza de sêr, ao miserrimo nivel que um grande do reino, conseguiu alcançar com a sua voz grave de animal que queria passar por racional, fallando em coisas varias cá do mundo.

O grande mal da democracia, o grave erro, terrivel e revoltante do suffragio alargado,—o que direi do suffragio universal!—é elevar a mediocridade, é de engrandecer—a besta!

# VIDA NOVA

O luminoso espirito que foi João de Deus, em toda a sua vasta bondade, dizia uma vez a um medico vulgar que, para se engrandecer aos olhos do poeta, lhe dizia que de typographo tinha, pelo trabalho, subido até medico:

— Subido? Não, meu amigo, descido! Podia ter sido um bom typographo. E' um máu medico, já vê, que desceu.

Isto é uma verdade absoluta:

A posição que se alcança, hoje, nada significa. Ha milhares de processos de subir, e o estar em cima não quer dizer, logicamente, nem valor, nem intelligencia, nem honestidade.

Já de ha longos annos isto assim é: já na antiguidade houve um cavallo Consul, consul n'um imperio colossal, que admira que um burro qualquer possa ser um eleito, n'este nosso pobre e pequeno paiz!

Fiquemos pois em que estes homens são máus, são ousados, mas em que a qualidade predominante é a da estupidez, filha da ignorancia das coisas mais elementares da vida de hoje, miseria physiologica que vem das escolas, das leituras e da pifia vida que adoptaram, por seus interesses e ambições.

E lembremos-lhe ao menos que para a outra vez, quando quiserem banquetear-se, escolham local mais apropriado, para glorificarem, recontando, os seus feitos, a *Perna de Pau* ou o *José dos Pacatos*.

E' alli que se banqueteiavam, nos dias felizes, o *Pé Leve*, o *Inglez*, o *Zé Hespanhol*, o *Pouca Tripa*, o *Chico* e outros homens celebres

E, em silencio, hein? Cá por causa d'uma coisa.



## CONSELHO D'AMIGO

O Carrilho gentil que te escapaste  
D'um medonho attentado, felizmente,  
Rende graças a Deus Omnipotente  
Pela sorte espantosa com que andaste.

Se por esses paizes arranjaste  
O celebre convenio, capazmente,  
Não te esqueça tão cedo o indecente  
Attentado que ha dias motivaste.

E se vires que pôde acontecer-te  
Alguna coisa mais do que se deu,  
Um conselho d'irmão devo dizer-te:

Pede ao Hintze, que n'isso te metteu,  
Que faça o mais possivel por valer-te,  
Que o *Seguro* de velho é que morreu.

ENA.



Vae fazer-se no Atheneu Commercial de Lisboa,  
uma exposição de cravos. Lembramos que será bom  
explicar a que ferraduras pertencem.

*Zé Luciano* deseja vida nova  
Porque tudo estragou a vida velha,  
*Jacinto* diz que a mesma idéa approva,  
E que já muito *centro* enteza a orelha!...  
Vae se não quando ferra-lhe uma sóva  
O que no tal cortiço é mestra abelha...  
E diz que o muito illustre *Jacintinho*  
Mette na reacção o seu pésinho.

Quando tudo desaba no atoleiro  
E está, como se diz, de pés p'rá cová,  
Apparecem (milagre verdadeiro!)  
Os ginjas a pedirem vida nova!...  
O *Zé!* não faças cara de coveiro,  
Toma a tua guitarra e ensaia a trova...  
Atira co'as cantigas necessarias  
Porque esta é das de eternas luminarias!

Aos que apertaram muito a caravelha  
Posso aqui afirmar que o sapateiro  
Botas novas não faz de sola velha,  
Embora entre os artistas o primeiro:  
Muito pó de sapatos na guedelha  
Não basta remoçar velho gaitero...  
E do bom carpinteiro a inão geitosa  
Não faz mesa de taboa carunchosa!

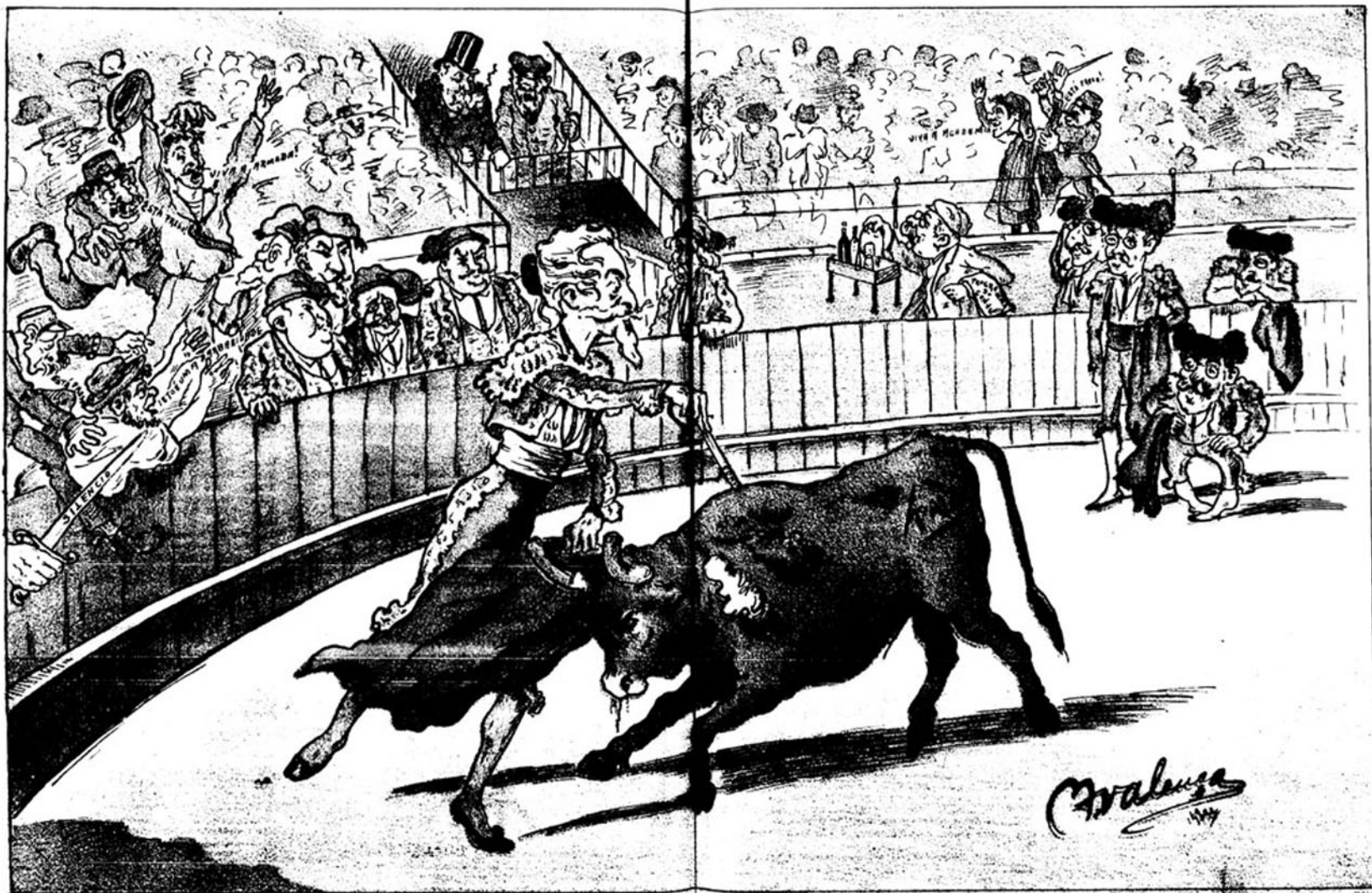
Porfim, todos confessam seus defeitos  
(O que de arrependidos é synonymo)  
E batem com a pedra nos seus peitos  
Assim como fazia S. Jeronymo:  
Dos que são a peccados muito atreitos  
Cubra-se o nome com bondoso anonymo...  
Pois bem sabemos no paiz do rapa  
Que, infallivel no mundo, só o Papa.

Tambem sei que ha christão muito devoto  
Que aos pés do confessor culpas despeja,  
De se emendar faz um ardente voto...  
Mas começa a peccar mal sáe da igreja!...  
Ha muito sachristão que empalma o coto  
Quando não mette as unhas na bandeja...  
E muitas coisas mais tenho apurado...  
Mas o melhor melão é o calado.

No meio d'estes dares e tomares  
Trabalha o fogueteiro azafamado  
P'ra que estalem foguetes aos milhares  
Pois passou o convenio desejado:  
O *Zé*, o folgazão dos patrios lares,  
Não lhe cabe um feijão em certo lado...  
E diz que ha de cantar 'té que se farte  
Se a tanto o ajudar engenho e arte.

VENANCIO.

# A ultima toirada parlamentar





## CANCIONEIRO ALEGRE

São o Ferrão de Coimbra  
Ha dois dias, á noitinha,  
Para Thomar e Abrantes  
E fica na Parreirinha.

.....  
Pois amigos estudantes  
Olho e caldos de gallinha.

Arroyo entrou pela camara...  
Bella coiss... nunca vista:  
Dois grandes... como n'um monte...  
Um á destra, outro á sinistra.

Prégador, de barba ruiva,  
Com a cruz de... riso aberto...  
Se tem nascido entre palhas,  
O quadro ficava certo.

O marquez de Soveral  
Que possui honras e teca,  
Veio mostrar a careca  
Em sessão monumental.

A todos o nobre increpa  
De parvos, ou coisa igual;  
Foi muito rapida a trépa,  
Sendo uma trépa real.

Em vista de tozador,  
Ser de pedantes e vãos;  
Ia a dizer-lhe, Senhor,  
Nunca vos dão as mãos

Mas visto ser na caveira  
Que tem o dom que possúe,  
Exhorto-o d'outra maneira:  
Nunca a caréca lhe súe!



N. T.



Manda-se cantar um *Te-Deum* solemne, pelas me-  
lhoras do sr. Elvino de Brito, o conselheiro indico con-  
valescente.

D'aqui se conclue que o medico do sr. conselheiro  
foi Nosso Senhor.

E' preciso não haver a menor sombra de senso com-  
mum para alguem poder acreditar que com os traba-  
lhos da governação do Universo ainda Nosso Senhor tem  
tempo para pensar no sr. Elvino de Brito.

E o nosso Deus! se fosse algum Deus indio, Bra-  
hma, Vichnou ou Siva, vá lá ainda; a gente poderia  
acreditar em favôres e amizades entre patricios; mas o  
Deus de Isaac de Israel e de Jacob a perder tempo com  
tal conselheiro, não se pode acreditar, tanto mais que  
sua Immensidade deve ter passado maus bocados com  
o tambem conselheiro Hintze, por causa do Convenio.

E digo isto, porque no discurso da corôa se explica  
muito bem, que a fragata do estado. singrará confiada  
na Divina Providencia.

Logo a Divina Providencia está com os partidos  
que governam em Portugal; logo Nosso Senhor, este-  
ve a fazer aprovar o Convenio ao Hintze: logo havia  
de ter colicas com o Fuschini, com o sempre capitão  
Machado, com o Beirão, o Ressano, o Baracho e o sr.  
de Chancelleiros.

N'esta occasião, a febre aphtosa, ou a que foi, que  
o não sei, ameaçava Elvino: e não é de crêr que mes-  
mo sendo-se Deus, se tenha cabeça e sobre tudo pacien-  
cia, para tanto trabalho, com pessoas de tão distantes  
partes do Mundo.

O que eu quero, afinal, é revindicar para o medico  
assistente a gloria de ter poupado a preciosa existencia  
de sua excellencia.

E' uma ingratidão para o clinico e mais um attesta-  
do para a capacidade intellectual dos amigos dos nossos  
dias. Inda estamos no periodo dos *Te Deum*? vae bem  
a coisa. Mas porque demonio usam os senhores do sul-  
fato de quinino?

Sempre inconsequentes, cavalheiros agradecidos!



O senhor José Luciano pergunta e intima a que se  
ha ahi alguem, capaz de governar este paiz, bem, me-  
lhor do que elle, com idéas e com força para fazer a  
felicidade da patria, que appareça.

Já se chegou a este ultimo estado: o chefe de um  
dos dois grupos politicos em acção pergunta, para a  
cidade, do alto do poleiro carregado com a trapagem  
jmmunda das mascaradas politicas: ha alguem por ahi  
que queira vender uma idéa ou uma pouca de hones-  
tidade?

— Ferro velho: ha por ahi quem venda ossos ou  
pelles de cabrito ou lebre, garrafas, trapos...?

Acudam so homem.

## Jardim de Epicuro

Encontra-se nos sabios a candura das creanças, e vêm-se todos os dias ignorantes que se julgam o eixo do mundo. Esta illusão é commum a todos nós. O varredor de ruas não está livre d'ella. Vem lhe dos olhos, cuja vista arredondando ao redor d'elle, a abobada celeste, o colloca no meio do Ceu e da Terra. Esta illusão é muito attenuada nos que muito meditam. A humilha de rara entre os douctos, é o ainda mais entre os ignorantes.

Eu não sei, como a theologia o ensina, se a vida é uma provação; se o é nenhum de nós se submeteu a ella voluntariamente. As condições não são regradas com clareza sufficiente. Emfim, não é igual para todos.

Que provação é a vida para as creanças que morrem logo que nascem, para os idiotas e para os doidos? Não tem havido resposta que preste.

A vida não tem o ar d'uma sala d'exame.

Semelha mais uma vasta officina de oleiro, onde se faz toda a especie de vasos para destinos desconhecidos, e onde muitos, quebrados nas fôrmas, são deitados fóra, sem nunca haverem servido.

Os outros são empregados em mistéres absurdos ou repugnantes. Estes outros, somos nós.

A intolerancia é de todos os tempos.

Nunca houve religião sem fanaticos: todos nós somos inclinados á adoração.

Tudo nos parece excellente no que amamos, e incommoda-nos quando alguém nos mostra os defeitos dos nossos idolos.

Os homens tem grande difficuldade em criticar um pouco, a origem das suas creanças, como a origem da sua fé.

Se se olhasse nuito para os principios, ninguem acreditaria.

A. FRANCE.



Fere hoje as attentões da metropole a americanisação dos Açores, facto de ha muito sabido e conhecido de toda a gente.

As sympathias pela America do Norte são de ha muito tempo vivas e logicamente fundadas. O povo dos Açores trabalhador e valente, está farto de ser explorado pelos governos cá de casa. O serviço nas baleeiras tem levado ao convívio americano centenaes de rapazes que voltam cheios de admiração e amor por esse grande povo. A semente fraca, foi germinando e assim se diz que, só nas Flôres e Córvo ha seiscentas pessoas naturalisadas americanas. Ha de haver mais. E, depois, é justo que quem pode queira sair d'este chiqueiro immundo da vida portugueza, deixar de aturar toda esta malta politica, porque a verdade é que se ser portuguez é, intimamente, uma causa de orgulho, officialmente, hoje — é uma vergonha.

## EFFEITOS DO CONVENIO

### Um pae de familia:

Rapazes, com grande magua,  
Tenho a dizer a vocês:  
Ficamos a pão e agua,  
Manteiga?... isso era uma vez!

### Dols militares:

Entrarão co'a nossa ceia...  
Que já não é muito farta?  
— Se fazem coisa tão feia  
Não dou mais vivas á Carta!

### Um amanuense:

Ferve-me o sangue nas veias!...  
Vou deixar de comer vacca!...  
Thomazia! transforma em meias  
As minhas mangas d'alpaca!

### Um professor:

O' meninos brincalhões,  
Vou pôr no prego esta niza...  
Tomar-lhes-hei as lições  
Posto em fralda de camisa

### Um mendigo:

Faça Deus o que quizer,  
Porque é o dono da bola...  
Mas, se o convenio vier,  
Ninguem dará uma esmola!

### Um padre gordo:

Ouvi dizer no barbeiro:  
Se o convenio alcança a palma,  
Ninguem deixará dinheiro...  
Para ter missas por alma!

### Um medlo:

'Stá o convenio a passar...  
E, desde os patrões aos servos,  
Chamar-me-hão p'ra tratar  
Os seus ataques de nervos.

### Um propheta rolos:

Passa! porque é necessario,  
Convenio, arrasa a futrica...  
E põe o bicho usurario  
A almoço de fava rica!

### Um fadleta:

Torradinhas com manteiga,  
Por cima café, limão:  
Vou *preguntar* ao juiz *Vêga*  
Se o convenio é bom ou não.

### Um aprendiz de boticario:

Afirmam dois allopathas,  
Proprietarios de predios,  
Que até mesmo os homopathas  
Vão reduzir os remedios!

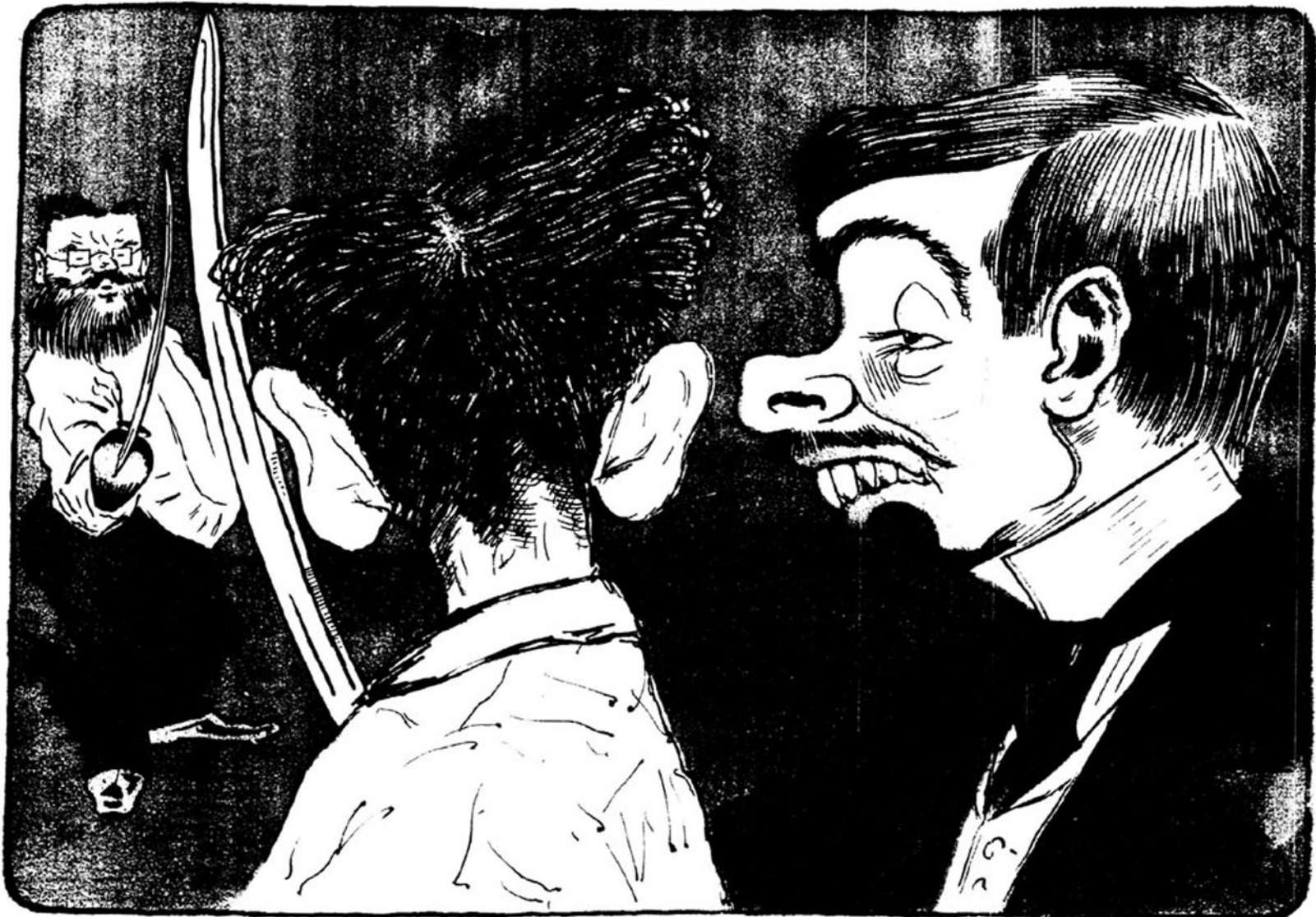
### Uma velha ao gato:

Não faças miau, miau,  
Nem entres lá com festinhas...  
Agora do carapau  
Não te dou mais que as espinhas.

VENANCIO.

CONSEQUENCIAS DOS ASSALTOS DOS MESTRES

NO CAMPO DA HONRA



**O padrinho**—Acautele-se que elle atira melhor do que Você.

**O joven duellista**—Será; mas se elle atira bem, eu aparo melhor.



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,  
ARTES LETTRAS e COSTUMES.  
DIRECTOR—MARCELLINO MESQVITA  
PUBLICA-SE A 1<sup>MA</sup> SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa      Redacção e Administração T. DA BOA-HORA, 39      Composição e Impressão Lithog. Universal LARGO DO CARMO, 17

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 num.)	1\$500 réis	Lisboa, provincias e Africa Portugueza Anno (52 numeros)	1\$000 réis
Brazil Anno (52 num.)	2\$500 réis	Semestre 26 (numeros)	\$500 réis
Cobrança pelo correio	\$100 réis		

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39



**E AS LAES**

Acabava alli a terra  
Nos derradeiros rochedos;  
A deserta arida serra  
Por entre os negros penedos  
Só deixa viver mesquinho  
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados  
Sopravam rijos na rama;  
E os ceus turvos, annuviados,  
O mar que incessante brama...  
Tudo alli era braveza  
Da selvagem natureza.

Ahi na quebra do monte,  
Entre juncos mal medrados,  
Sêcco o rio, sêcca a fonte,  
Hervas e matos queimados,  
Ahi n'essa bruta serra,  
Ahi foi um ceu na terra.

Alli sós no mundo, sós,  
Sancto Deus! como vivemos!  
Como eramos tudo nós  
E de nada mais soubemos!  
Como nos folgava a vida  
De tudo mais esquecida!

Que longos beijos sem fim,  
Que fallar dos olhos mudó!  
Como ella vivia em mim,  
Como eu tinha n'ella tudo,  
Minha alma em sua razão,  
Meu sangue em seu coração!

Os anjos aquelles dias  
Contaram na eternidade:  
Que essas horas fugidias,  
Seculos na intensidade,  
Por millenios marca Deus  
Quando as dá aos que são seus.

Ai! sim foi a tragos largos,  
Longos, fundos que a bebi  
Do prazer a taça: —amargos  
Depois... depois os senti  
Os travos que ella deixou...  
Mas como eu ninguem gozou!

Ninguem: que é preciso amar  
Como eu amei — ser amado  
Como eu fui; dar, e tomar  
Do outro ser a quem se ha dado  
Toda a razão, toda a vida  
Que em nós se annulla perdida.

Ai, ai, que pesados annos  
Tardios depois vieram!  
Oh! que fataes desenganos  
Ramo a ramo, a desfizeram  
A minha choça na serra,  
Lá onde se acaba a terra!

Se o visse... não quero vê-lo  
Aquelle sitio encantado;  
Certo estou não conhecê-lo,  
Tam outro estará mudado,  
Mudado como eu, como ella,  
Que a vejo sem conhecê-la!

Inda alli scaba a terra,  
Mas já o ceu não começa;  
Que aquella visão da serra  
Sumiu-se na treva espessa,  
E deixou nua a bruteza  
D'essa agreste natureza.



## Almeida Garrett

A *Comédia Portuguesa*, tem por dever gratissimo vir prestar hoje a Almeida Garrett a sua homenagem tão sincera, tão intima, como devida.

Ha já muitos annos, no isolamento da nossa pequenez, clamámos porque se glorificasse o Cantor de Camões e da Dona Branca, o admiravel escriptor das *Viagens na minha Terra*, o reformador do Theatro Portuguez e ainda o patriota, o orador brilhantissimo, pois que tudo foi por força de seu immenso talento, esse filho do Porto, a pittoresca cidade do Doiro, tão cheia de gloria cos seus filhos.

O que nos impellira á predica foi o facto de por essa occasião um jornal ter aberto uma subscrição nacional para a estatua de Almeida Garrett, e essa subscrição subir, em seis mezes, á fabulosa quantia de 51:500 réis, e parar!

Lembram-se?

\* \* \*

Porque, vergonha é dizel-o Garrett era e ainda hoje, é, quasi um desconhecido, um não lido, no meio tão abundante de poetastros ôcos contemporaneos e de litteratelhos de refugio, erguidos na mediania d'um critério soez a grandes homens, e artistas geniaes, a summos pontifices da prosa e do verso.

Mas o que é peor é que uma geração de decadentes, de invejosos cheios de ambição, de nullos cheios de prosapias, ou de ignorantes impados da natural ousadia da ignorancia, os aceita e os aclama.

N'este meio medram e fructificam, creando-se um mundo especial, de elogio mutuo, arrastando na cauda fátua da sua orbita, os crentes ingenuos, os desprevidos, os simples.

Ninguem o desconhece: é o poeta fulano, o jornalista sicrano, o philosopho A, o pensador B, o pedagogista C, o romancista D... raça de ignorantes que esbarrou no primeiro anno das mathematicas ante o tenebroso enredo das operações com quebrados, ou baqueou de impotencia ante a confecção d'um periodo latino com menos de seis tolices por linha!

\* \* \*

Derivando na logica das consequencias para os dominios vedados ao código, arremeteram com a arte, onde explosiram grandiosos, e pertence-lhes os melhores proventos, dispõem de reputações, criticam de papo, alcançam glorias, sobem, trepam!

Todos lhes sabemos os nomes e se receamos muitas vezes feril-os é porque o cardume é enorme e se não consegue vencer na lucta com as ferroadas do despeito cança pela quantidade, pela insistencia, pela audacia e é facil perder a paciencia lnda que se não perca a razão!

Desde as escolas, que me não lembra de ouvir citar Garrett, no nosso meio litterario, a não ser a alguem velho, contemporaneo do poeta, em conversa rememoradora dos antigos tempos das letras.

Aos novos? a nenhum. Não o leram, nem lêem. Não o conhecem — phrases, periodos soltos, *Alfageme*, *Frei Luiz de Sousa* — é o mais que um moderno litterato portuguez conhecerá por alto —, do grande iniciador do Romantismo em Portugal, do homem que representa uma litteratura inteira.

A *Comédia Portuguesa* protesta em nome de bom senso, da justiça, da dignidade e da altivez da critica, em nome da parte sensata e honesta dos homens de letras, contra essa ignorancia pretenciosa, contra esse

pedantismo da mediocridade incensada, contra essa estupidéz com fóros de valia, armada de ingratições audazes, dedicando as poucas linhas do numero presente, á memoria do grande litterato portuguez, grande entre os maiores, bravo soldado, politico consumado, poeta extraordinario, profundo erudito, dramaturgo eminente!

\* \* \*

João Baptista de Almeida Garrett, nasceu no Porto a 4 de fevereiro de 1799: filho de Antonio Bernardo da Silva de Almeida Garrett e de D. Anna Augusta Leitão.

Falleceu em Lisboa na rua de Santa Izabel a 9 de dezembro de 1854.

E' magnifica a lista das obras do grande poeta.

Em 1819, publicou a tragedia *Omerope*.

Em 1820, *O Catão*.

Em 1823, *O Camões*.

Em 1824, *O Cancioneiro*.

Em 1826, *Dona Branca*. Poema.

Em 1828, *Liricas do João Minimo*.

Em 1833, *O Arco de Sant'Anna*. Romance.

Em 1833, *Um auto de Gil Vicente*.

Em 1839, *A Sobrinha do Marquez*.

Em 1841, *O Alfageme de Santarem*.

Em 1844, *O Frei Luiz de Souza*.

Em 1851, *Folhas cahidas*. Liricas.

Publicou ainda:

*Adoçinda*, *Viagens na Minha Terra*. Portugal na *Balança da Europa*. Um volume sobre a *Educação*. *O Retrato de Venus*, com um estudo sobre a pintura portugueza.

A juntar á sua obra escripta, ha ainda a falada, os seus magnificos discursos parlamentares, que quanto a mim, ninguém, até hoje, igualou.

\* \* \*

Ha muito tempo já que seria baldado, e ainda bem que ha tanto tempo, o evocar a consciencia do paiz para a consagração de Garrett. Pode quasi asseverar-se que se deve ao *Frei Luiz de Sousa*, a revivescencia do poeta para a admiração e culto geral. E' a obra que mais o tem popularisado e custa a perceber, hoje, que assim seja, tendo essa peça principio, meio e fim!

Glorifiquemos a memoria do grande portuguez quando mais não seja senão para provarmos a algum estrangeiro que conhece o grande poeta, que não ensandecemos de todo, nós todos que temos a gloria de falar aquella deliciosa lingua em que elle falou, e podemos apreciar as obras primas que nos legou a sua penna d'oiro, tão rica, tão maleavel, tão simples e tão genial.

Erga-se-lhe a estatua. Eu sou de opinião que os grandes artistas não precisam de estatuas; porque vivem para sempre no pantheon da sua obra, onde vae depôr eternamente o coração de todo artista que alli penetrar, as homenagens intimas do amor e das lagrimas agradecidas.

Mas erga-se-lhe a estatua: ella será a *perpetua cotevelada* na ignorancia, a raiva dos pedantes, um descargo de consciencia, uma divida nacional que fica paga.

M. M.



## VAE PRRRINCIPIAR!

O Zé Povinho, alegre como um rato,  
Lava a camisa velha, esfarrapada,  
E, para ir ver a peça de apparato,  
Patusca ensaia enorme gargalhada:  
E digam lá que o Zé desanda em pato?...  
Que pensa ir assistir a uma toirada?...  
Elle leu no cartaz, e muito approva,  
O titulo da peça — *A vida nova*.

Rem sabe o Zé da eterna pasmeira  
Que não ha de chorar o que pagou;  
Bem sabe que não entra n'uma feira  
Em barraca por conta do *Dallot*.  
Antes de tirar *bago* da algebeira  
O nome dos artistas indagou...  
E chegou a dizer: — De taes actores  
Não se pôde esperar senão primores!

Este é Jacintho; fala co'as doçuras  
Dos mais appetitosos rebuçados,  
Efará a mais bella das figuras  
A prégar um sermão dos bem pensados;  
Dará no palco exemplo a padres curas,  
Que aconselliam jejuns a esfomeados...  
E, se elle alguma vez fizer de santo,  
Até ao Papa ha de causar espanto!

Several; — este a voz mui bem afina,  
E' mestre nos mysterios d'alta scena,  
Figura magistral, salisburina,  
Como feita a pincel ou feita á penna;  
Sabe cantar as flores da campina,  
Já fez de caçador tocando avena...  
E, se um artista assim fugir de zangas,  
Dá muito... e deixa panno para mangas!

Lá vem tambem o tal que o olho entorta,  
Mas que é muito direito em tudo o mais,  
Jámais fez o papel de mosca morta,  
Sempre altivo gritou contra immoraes:  
Este, quando do theatro entrou a porta,  
Ganhou palmas e louros triumphaes...  
Mas por causa do olhinho de arrelia  
Teve que abandonar á companhia!

Navarro; — o mestre do facundo Arroyo,  
A quem não cede o seu primeiro grau,  
Representa arremessos de salão,  
E é mestre insigne no jogar do pau;  
Se elle deitasse as unhas a um comboio  
Ficavam todos a dizer — *bau, bau!*...  
Nos papeis de tyranno assarapanta  
E excede quanto a musa antiga canta!

Zabumba o bombo a ultima pancada,  
Entra tudo em tropel com furia cega,  
— Quem cabeça não tem, não paga nada  
Grita um palhaço de calções á grega.  
O Zé riu-se de boca escancarada,  
Decilitrou na proxima bodega...  
Porém pacoviamente inda confessa  
Que não entendeu bem o enredo á peça.

VENANCIO.



## TELEGRAPHIA COMICA

MADRID, 17, ás 3 h. e 30 m. da tarde. — Antes de apparecer o rei Affonso na sala das sessões, um dos secretarios do Congresso de deputados aproximou-se do presidente e falou-lhe ao ouvido.

O presidente empallideceu e gritou: «Soceguem; um louco, um sclerado pretendeu attentar contra o rei, mas felizmente não aconteceu mal nenhum a sua magestade, e o criminoso foi preso.»

O presidente é que empallidece e grita aos outros, que não sabiam nada, que soceguem? os deputados estariam a jogar o eixo? Vejamos porém o attentado:

MADRID, 17, ás 5 h. e 45 m. da tarde. — O individuo que se approximou do coche real, quando passava na rua, é um louco; limitou-se a arremessar o chapéo.

Esta arma de regicida é que é nova. Que especie de chapéo seria? Provavelmente de palha de Italia, que são os mais perigosos.

Este aprendiz de regicida tem graça; mas não acertou com a arma de arremesso. Para um rei de 16 annos o que se lhe deve atirar, é uma boneca, ou uma corneta, ou um tambôr de seis tostões. A' falta d'isto um cigarro ou uma carta da prima... E' um rei morto.



O *Ultramarino* de Margão, diz que uma rica senhora hespanhola, tendo construido, alli, uma rica basilica, a S. Francisco Xavier, logar onde elle nasceu, pediu ao Papa que lhe mandasse uma reliquia do santo. O papa mandou o pedido ao patriarcha das Indias e este, recunido o cabido, mandou á dama — um dedo do santo.

O patriarcha das Indias é um ironista. O envio de dedo só pode ter uma significação: — para a dama se coçar!

Que lhe preste.



## PENITENTES

Da *rotação* os homens afamados,  
Curvos á lei da santa madre egreja,  
Como quem lá do empyrio a paz deseja,  
Confessam mutuamente os seus peccados.

De bons desejos foram animados,  
Não mostraram sciencia carangueja,  
Mas sim tiraram d'onde não sobeja,  
Por terem muito amor aos afillados!

Que é preciso uma dura penitencia,  
E que, para lh'a dar, já veste a capa,  
Afiambra o seu latim Sua Eminencia.

Mas alguém, que é doutor na lei do rapa,  
Pensa que, findo o exame de consciencia,  
Não basta frei José, requer-se o Papa.

BERNARDO



**VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT**

Cópia d'um daguerreotyp de 1853 publicado em Janeiro de 1855

*A semelhança d'este retrato com o illustre poeta em 1853  
está confirmada por um documento autentico, archivado na Torre do Tombo*



## CANCIONEIRO ALEGRE

Dançaram os estudantes  
Fazendo de dançarinas:  
Pernas gordas, pernas finas...  
Rapazes... tunos... tunantes...

\* \* \*

Fizeram bem de mulheres;  
Do que li, tal se presume:  
Cautella co'as brincadeiras  
Que, ás vezes, fica o costume.

\* \* \*

Vae p'ra China o Azevedo,  
Leva dinheiro no sacco:  
Vem pra cá a Sada Yacco,  
Que é um amor, um brinquedo:

\* \* \*

Leva dinheiro p'rá China,  
Pela graça e pela fama:  
Este paiz é uma mina  
Até a China nos mama.

\* \* \*

O bispo conde, em Aveiro,  
Foi muito desacatado:  
A procissão foi p'ralli...  
Elle foi p'ro outro lado.

\*

E vae então o povinho  
Fez chinfrim, fez arruaça:  
O bispo foi para o paço  
Gostando pouco da graça

\*

Houve cartas, telegrammas,  
Deputações, penitencia;  
Para perdão do desgosto  
Causado a sua excellencia.

\*

Isto de bispos e bispas  
São coisas velhas, p'ra motes:  
Querem-se inteiros, e novos.  
Quero dizer os bis... potes.

N. T.



A' hora em que escrevo, está a chegar á estação do Rocio o principe de Sião, com uma comitiva modesta, para principe de tanto nome.

A curiosidade que é natural em todo o portuguez pelas coisas d'esse reino, visitado pelo nosso Fernão Mendes Pinto, junto á impossibilidade de correr ao encontro do jovem siamez, levou-me a procurar nos jornaes o retrato do herdeiro presumptivo.

Achei-o em dois d'elles. No *Correio Nacional* e no *Seculo*.

No *Correio Nacional* é um jovem vestindo á paisana, de rosto redondo, cabello penteado, para traz, lizamente; olhos grandes, rasgados; expressão triste da physionomia; collarinho voltados, gravata de laço feito.

Expressão infantil.

No *Seculo* é um rapaz de rosto comprido, cabello raso apartado ao meio, olhos pequenos, rosto comprido e um ligeiro buço. Veste á militar e tem cara de parvo.

Decididamente não sei qual me decida a tomar como verdadeiro filho de Chulanlongkorn I, o verdadeiro principe Vajiravudk.

Não tomo nenhum. Porque se do primeiro ninguem me fallou com menos certeza de que fosse o proprio, no segundo houve quem reconhecesse o principio Christiano da Dinamarca, viajando *incognito* pelas columnas do *Seculo*.

Vá de troça, collega milionario, com os parentes do Hamlet.



### ERA O QUE FALTAVA!...

Disse um sabio qualquer de paiz ignoto,  
Por seus milagres bruxos afamado,  
Que em Portugal, o velho esfarrapado,  
Vinha cair terrivel Terremoto!

Pois não vou accender cyrio devoto,  
Nem reclamar as preces do papado;  
Fico serenamente descansado,  
Toda a casta de medo d'alma enxoto.

Deus sabe que vivemos em sarilhos,  
Deus sabe que vendemos a camisa,  
Deus sabe que o povinho usa fundilhos!

Deus, que nos dá o sol, a lua, a briza,  
Sabe que onde ha convemos de Carrilhos  
D'um terremoto a mais não se preciza.

VENANCIO.

## HOMENAGEM A GARRETT

O que direi de ti, ó muito illustre vate,  
Que soubeste trilhar do grão Camões a estrada,  
E que tens, egualmente, em fronte aureolada  
A c'róa que é trophéo das letras no combate ?

Que foste o mestre tu, e o de maior quilate,  
O nome a realçar da nossa patria amada!  
Que soubeste ensinar a fórma aprimorada ?  
Que ao falar portuguez déste ultimo remate ?

Que levantaste o brilho á scena lusitana ?  
Que d'esses nobres, teus, justissimos brazões  
A nova geração se considera ufana?...

Nada d'isso direi por sobra de razões;  
Mas que prodiga foi a mão de Deus sob'rana  
Em nos dar um Garrett, tendo dado um Camões!

BUNIFACIO.



Diz o *Novidades* que anda a fazer ministerios e a larachar politicas destrambelhadas, com ares de juiz *da Beira*: «Qual é o objectivo especial do ministerio que se succeder ao actual? Poderia fixar-se desde já. Sem a menor duvida em nosso entender. Ha um seguimento logico que se impõe irresistivelmente, pelas necessidades da administração e pela situação da fazenda publica».

Depois diz coisas sobre o contracto dos tabacos... que sim e que tal... progressistas... regeneradores.

Está visto. Ora a coisa diz-se em duas palavras: o objectivo especial do ministerio que se succeder deve ser de cavar mais funda a cova do paiz. Emprezas, dadas, roubos, poucas vergonhas, malandrices...

Isto é mais simples e é certo.

Reuniram-se ha dias varios pharmaceuticos para levarem a effeito a eleição dos corpos gerentes d'uma associação de soccorros mutuos que haviam fundado. Mas... quando já se estavam lendo os estatutos, irrompe o sr. Santa Rita, numerosamente acompanhado, e suspende os trabalhos, por falta de legalidade. Então é que foi o bom e o bonito. Desataram á lambada uns aos outros, houve grande rebolição, e accudindo a policia, noz tudo na rua.

O chamado «princípio associativo» dá isto. Juntam-se alguns homens pacificos, cheios de boas intenções, ordeiros e ligados todos pelos laços de uma affeição comprovada; constituem uma sociedade de soccorros mutuos. Pois bem! dentro de pouco tempo, ei-los convertidos em adversarios ferrenhos, que se perseguem e se guerreiam com sanha encarnizada... A celebre divisa *Union fait la force* vae estando entre nós desacreditada.

É ao sr. Santa Rita, se zaragateiro e dramaturgo são uma e a mesma pessoa, occorre fazer-lhe notar que o seu collega Ibsen já assentou o seguinte: A verdadeira força só dá o isolamento.

Mas por que maluquice extraviada do palco, iria o sr. Santa Rita metter-se com pharmaceuticos?! Se foi para aprender a aviar receitas, convem advertir que das theatraes não fala a pharmacoepia.



Arregaçando as faldas de percal planchadas da zarzuela chica, deu-nos o D. Amelia novo pasto aos olhos cubiçosos, deixando-nos entrever os trajos pittorescos da companhia japoneza. Abriu por tres noites rapidas um parenthesis de estonteante exotismo na já iberizada gracia das chorudas Carmens e das atarracadas Pepsas, interpondo lhes a figurinha deliciosa da minuscula e franzina Ghesha. Lola Ramos, a guapa, teve de ceder o passo a Sada-Yacco, a feiticeira.

Houve quem não gostasse? De certo. Mas aquelles que, por temperamento e cultura, de maior receptividade e percepção dispõem, esses mais uma vez se sentiram gratos ao bom gosto da empreza theatral que assim lhes continua a dar ensejo aprazível de enriquecerem o espirito com sensações d'arte preciosas e raras...

Foram um sonho cheio de encanto essas tres recitas dos japonezes! Ter o grande Japão alli deante dos olhos maravilhados! Crêr-se a gente por momentos em pleno extremo oriente! Tal prazer evocado pela magia do espectáculo é d'aquelles que nos deixam na memoria uma impressão allucinante de duvida. — Vi eu isto? Não seria uma illusão dos meus sentidos?

E, como se para nós enlevar não bastasse a imagem d'esse paiz longinquo e mysterioso, ainda se nos extasia a visão na dança phantastica de Loie Fuller, a sorrir, ondulando, envolvida pelas vertiginosas labaredas de fogo extranho que parece abrazal-a!

\* \* \*

Na ultima noite, ao acabar o espectáculo, alguém nos disse, vendo o publico a sair com ares de enfado: — Restituamos estes senhores á zarzuela! E já fóra do theatro outro conceito mais nacional ouvimos: — A Fuller é que está entre as chamas e a final a japoneza é que é assada! (a Sada).

Ambas estas phrases se podem aceitar como syntheses da opinião dos que assistiram áquellas inolvidaveis recitas. A minoria dos que applaudiram perfilharia a primeira; a «grande maioria» que não gostou revêr-se-hia com satisfação na segunda.



«Foi expulso do corpo de policia do Porto, um guarda que no domingo ultimo se embriagou, andando pelas ruas a provocar desordens.»

É' curioso! em Lisboa os guardas não servem para outra coisa senão para provocar desordens.

É' mesmo a unica coisa que fazem bem feita e tão bem feita que os premeiam.

É note-se que nem precisam embebedar-se: e em seu perfeito — vá lá perfeito — juizo. Como o Porto está atrazado!

